
RELEITURAS CONTEMPORÂNEAS DA BIOPOLÍTICA: BYUNG CHUL HAN E O CONCEITO DE PSICOPOLÍTICA

CONTEMPORARY REINTERPRETATIONS OF BIOPOLITICS: THE BYUNG CHUL HAN AND THE CONCEPT OF PSYCHOPOLITICS

PEDRO KHAUAJA
UFF

Resumo: Esse trabalho busca analisar o conceito de psicopolítica desenvolvido pelo filósofo sul-coreano e alemão Byung-Chul Han enquanto uma releitura do conceito de biopolítica. Em sua obra, Han desenvolve uma releitura contemporânea para o conceito de biopolítica, apontando uma transição social em direção ao que chama de psicopolítica. Seu conceito contém tanto elementos de uma biopolítica conforme proposta conceitual de Michel Foucault quanto de Giorgio Agambem, ambos autores que trabalharam de alguma forma o conceito inicial. Analisarei dentro do conceito de Han tanto os elementos da biopolítica foucaultiana quanto agambiana que o influenciam, apontando a passagem conceitual e teórica que o autor realiza a partir desses fundamentos para chegar na sua ideia de psicopolítica. Trata-se de uma pesquisa conceitual e teórica baseada na bibliografia principal dos autores, assim como em trabalhos de comentadores importantes que tenham focado em avançar o debate biopolítico nos últimos anos. A conclusão da pesquisa é na direção de reconhecer a psicopolítica de Han como sendo um desdobramento conceitual da biopolítica tanto de Foucault quanto de Agambem, mas que tenta dar conta do processo de digitalização neoliberal que marca o século XXI.

Palavras-chave: biopolítica; psicopolítica; Foucault; Agambem; Byung-Chul Han.

Abstract: This paper aims to analyze the concept of psychopolitics developed by the South Korean and German philosopher Byung-Chul Han as a reinterpretation of the concept of biopolitics. In his work, Han presents a contemporary reading of the biopolitical concept, pointing to a social transition towards what he calls psychopolitics. His concept includes elements of biopolitics as proposed by Michel Foucault and Giorgio Agamben, both of whom addressed the initial concept in different ways. I will analyze within Han's concept both the Foucauldian and Agambenian elements of biopolitics that influence him, highlighting the conceptual and theoretical shift he makes based on these foundations to arrive at his notion of psychopolitics. This is a conceptual and theoretical research grounded in the primary bibliography of the authors, as well as in important commentators who have sought to advance the biopolitical debate in recent years. The research concludes by recognizing Han's psychopolitics as a conceptual development of both Foucault's and Agamben's biopolitics, but one that attempts to address the neoliberal digitalization process that characterizes the 21st century.

Keywords: biopolitics; psychopolitics; Foucault; Agamben; Byung-Chul Han.

1 INTRODUÇÃO

A biopolítica segue sendo um conceito amplamente utilizado nas ciências sociais e de saúde, mesmo tantos anos depois das suas primeiras elaborações. Enquanto termo, foi significado e ressignificado por muitos autores e em muitos contextos diferentes, ainda que seja possível, no geral, traçar sua origem com os trabalhos de Foucault sobre segurança, governamentalidade e subjetividade. Em especial, sua elaboração conceitual atinge o “ápice” com O Nascimento da Biopolítica.

Outro autor de peso no debate biopolítico é Giorgio Agamben que, diferentemente de Foucault, pensa a ideia biopolítica a partir das suas pesquisas sobre o estado de exceção e o que chama de “vida nua” e “poder soberano”, dando um foco diferente ao conceito e resultando em trabalhos bastante diversos dos do francês. Ambos os autores são usados pelo filósofo sul-coreano radicado na Alemanha Byung-Chul Han para elaborar o seu conceito de “psicopolítica”.

A ideia central de Han é desenvolver uma releitura da biopolítica que leve em conta o salto tecnológico enorme que foi dado ao longo do começo do séc. XXI e o processo de digitalização do neoliberalismo. Assim, a sociedade psicopolítica seria um desdobramento neoliberal digitalizado da sociedade biopolítica. Para pensar as características estruturantes desse novo modelo, o autor se baseia muito em conceitos de Foucault e de Agamben para a biopolítica.

Assim, essa pesquisa procura identificar, na obra de Han, quais são os elementos foucaultianos que mais influenciam seu trabalho, para que se possa fazer uma análise mais específica da forma que o autor sul-coreano tenta avançar os debates do francês. Para isso, primeiro será feita uma exploração conceitual da ideia de psicopolítica, seguida de uma diferenciação entre os elementos foucaultianos e agambenianos dentro da psicopolítica.

Por último, gostaria de propor uma leitura para a passagem da biopolítica à psicopolítica com base nesse desenvolvimento conceitual feito por Han. Essa leitura é, ao mesmo tempo, uma análise da própria passagem conceitual feita pelo autor e também uma proposta de enquadramento conceitual para as mudanças que a digitalização neoliberal promove.

2 EXPLORANDO O CONCEITO DE PSICOPOLÍTICA EM BYUNG-CHUL HAN

A psicopolítica é um conceito central na obra de Byung-Chul Han e refere-se ao modo como o poder contemporâneo exerce controle sobre os indivíduos através da manipulação de suas esferas psicológicas e emocionais (Han, 2014). Essa noção se desenvolve em contraste com a biopolítica descrita por Michel Foucault, que se concentra na regulação das populações e na administração da vida biológica. A psicopolítica se diferencia por seu foco na subjetividade e no controle das dimensões psíquicas e afetivas do ser humano.

Han introduz o conceito de psicopolítica para analisar as novas formas de poder e dominação que emergem na sociedade contemporânea, especialmente sob a égide do neoliberalismo e da digitalização. Ao invés das formas tradicionais de poder, caracterizadas pela força e pela coerção, a psicopolítica opera em um nível mais sutil, atuando diretamente sobre a psique dos indivíduos. A psicopolítica, assim, seria uma técnica de dominação que se vale da sedução e do auto exploração para submeter os indivíduos. Ao contrário das formas tradicionais de poder, que se impõem de fora, a psicopolítica internaliza o poder, fazendo com que os indivíduos se autogovernem e se auto explorem em nome de uma liberdade ilusória.

Han argumenta que, na era neoliberal, o poder se manifesta não apenas através de formas externas de controle, mas também através da influência direta sobre a psique dos indivíduos (Han, 2017). A psicopolítica é um tipo de poder que penetra na esfera interna dos indivíduos, manipulando suas emoções, pensamentos e desejos. Esse controle é exercido através de práticas e tecnologias que promovem a auto exploração e o autoajuste.

Na psicopolítica, os indivíduos são incentivados a se verem como empreendedores de si mesmos (Han, 2018b). A exigência de desempenho, produtividade e autoaprimoramento se torna uma forma de controle social. As pessoas internalizam a lógica neoliberal e se tornam agentes ativos de sua própria exploração, buscando constantemente otimizar sua performance e suas capacidades.

A psicopolítica, ao invés de reprimir, seduz e motiva os indivíduos a uma participação ativa, promovendo a ideia de um "eu" em constante construção, a ser otimizado e

aperfeiçoado. Essa busca incessante por autossuperação, porém, leva à exaustão e ao burnout. O indivíduo se torna um empreendedor de si mesmo, responsável por sua própria felicidade e sucesso, o que isola e impede a construção de solidariedades (Han, 2014).

Se manifesta também através da vigilância autoimposta, onde os indivíduos se expõem constantemente e monitoram a si mesmos (Han, 2017). A tecnologia digital e as mídias sociais facilitam esse processo, permitindo que os indivíduos compartilhem suas vidas e recebam feedback constante, o que reforça a necessidade de se conformar com os padrões estabelecidos. Han vê isso como uma forma de controle mais eficaz do que a vigilância tradicional, já que é internalizada e aceita pelos próprios sujeitos.

A vigilância se torna interna, com os indivíduos se autovigiando e se autocontrolando, amplificada pelas redes sociais e dispositivos móveis que transformam a vida em um espetáculo constante. A produtividade se torna uma exigência em todas as esferas da vida, incluindo o lazer, que se transforma em mais uma oportunidade para produzir e consumir. São efeitos que aparecem muito em obras como as de Bruno (2013), e são um diálogo entre Han e outros trabalhos voltados para analisar tendências contemporâneas de substituição da figura do trabalhador pelo “empresário de si” (Han, 2014).

A psicopolítica, para Han, tende a eliminar a negatividade e a resistência com uma pressão para ser positivo, produtivo e adaptável, que reduz a capacidade dos indivíduos de experimentar e expressar emoções negativas, como frustração e raiva (Han, 2017). Essa supressão da negatividade contribui para a conformidade e a passividade, enfraquecendo a capacidade crítica e a resistência ao poder. Han critica a cultura da performance e da autoajuda que prevalece na psicopolítica, onde a ênfase está no autoaperfeiçoamento contínuo e na capacidade individual de superar desafios. Argumenta que isso desvia a atenção das questões estruturais e sistêmicas, colocando a responsabilidade pelo sucesso e pelo fracasso unicamente sobre os indivíduos.

Han também explora como a psicopolítica está ligada à economia da atenção (Han, 2018b). Nessa conexão, as plataformas digitais capturam e comercializam a atenção dos usuários, que são incentivados a se engajar em comportamentos que geram dados e visibilidade. Isso cria um ciclo de busca por validação e reconhecimento que manipula os desejos e as emoções dos indivíduos para beneficiar o capital. O capitalismo de plataforma de SRINICEK é o substrato ideal para a efetivação prática do paradigma psicopolítico.

Esse, para Han, gera uma série de consequências negativas para os indivíduos e a sociedade. A individualização extrema promovida por ela leva ao isolamento social e à fragmentação das comunidades (Han, 2018a). A busca incessante pela auto otimização e produtividade contínua resulta em exaustão física e mental (Han, 2015). A sensação de insuficiência e a pressão por perfeição geram angústia e ansiedade. Além disso, a psicopolítica fragmenta a subjetividade, transformando os indivíduos em meros consumidores e produtores de dados (Han, 2018b).

Essas características dialogam muito com outros trabalhos de análise social contemporâneas. Podemos pensar como exemplo os trabalhos de autores que focam em analisar os impactos sociais da digitalização a nível individual, como Berardi (2019), ou trabalhos que miram nos impactos estruturais na sociedade, como Bruno (2013). Benevides (2017) também reconhece nos trabalhos de Byung-Chul Han uma tentativa de costurar essas várias interpretações, muitas com as quais ele abertamente dialoga.

Para Han, a psicopolítica também está intimamente ligada ao neoliberalismo (Benevides, 2017) que, ao transformar tudo em mercadoria, incluindo o corpo e a mente, cria as condições para o florescimento dela. A liberdade individual, tão valorizada pelo neoliberalismo, torna-se uma armadilha, já que os indivíduos são livres para escolher, mas somente dentro de um leque de opções pré-determinado e sempre de forma a encaixar essa escolha dentro do maquinário industrial capitalista.

A psicopolítica, assim, revela uma transformação no exercício do poder na era contemporânea. Em vez de formas externas de controle, o poder se infiltra na subjetividade, moldando a forma como os indivíduos pensam, sentem e se comportam. Isso tem implicações profundas para a compreensão da liberdade, da autonomia e da resistência na sociedade neoliberal.

2.1 DIÁLOGO COM OUTRAS OBRAS DE HAN

Byung-Chul Han desenvolve o conceito de psicopolítica principalmente em sua obra *Psicopolítica*, mas também já vinha ensaiando a ideia em trabalhos como *A Sociedade do Cansaço* e *A Sociedade da Transparência*, bem como em outros textos relacionados onde

explora as dinâmicas contemporâneas de poder e controle. A seguir, detalho as principais obras e os contextos em que Han aborda o conceito de psicopolítica.

No seu livro *A Sociedade do Cansaço* (Han, 2015), Han analisa como o capitalismo contemporâneo, especialmente o neoliberalismo, influencia a subjetividade e a psicologia dos indivíduos. Ele argumenta que a sociedade atual não é mais caracterizada pelo poder disciplinar e repressivo, como nas sociedades tradicionais, mas por um poder que opera através da autoexigência e da auto exploração.

Han descreve como os indivíduos são pressionados a se auto explorar, levando a uma forma de cansaço psicológico e emocional. A psicopolítica é evidenciada pelo modo como o indivíduo se torna responsável por seu próprio desempenho e sucesso, o que leva a um estado crônico de exaustão. A liberdade no capitalismo contemporâneo é vista como um fardo, pois exige que os indivíduos estejam constantemente se aprimorando e maximizando sua performance. Isso resulta em um controle mais sutil e interiorizado, que Han descreve como uma forma de psicopolítica.

Já na obra *A Sociedade da Transparência* (Han, 2017), o autor explora como a sociedade contemporânea exige uma visibilidade total e a transparência de todos os aspectos da vida pessoal e pública. Ele relaciona a transparência com a psicopolítica ao analisar como a necessidade de se expor e a vigilância autoimposta contribuem para um novo regime de controle.

Han, desse modo, examina como a transparência leva a uma forma de vigilância que é autoimposta e internalizada. A exposição constante nas mídias sociais e outras plataformas digitais serve como uma ferramenta de controle psicológico, onde os indivíduos se tornam responsáveis por sua própria visibilidade e reputação. A transparência está associada à cultura da performance, onde a visibilidade e o feedback constante moldam a subjetividade dos indivíduos. Han argumenta que isso resulta em uma conformidade e uma passividade que são características centrais da psicopolítica.

Também aborda aspectos da psicopolítica em outros ensaios e textos, como "A Agonia do Eros" (Han, 2018a) e "No Enxame: Panorama do Digital" (Han, 2018b), onde explora a erosão da experiência erótica e a influência das mídias digitais na psiquê moderna. Esses trabalhos complementam e expandem sua análise sobre como o poder e o controle operam na era digital.

No primeiro, Han discute a transformação das relações amorosas e a influência da psicopolítica na experiência do desejo e da intimidade. A ideia de que a psicopolítica afeta até mesmo as dimensões mais pessoais e emocionais da vida é central neste livro. No segundo, investiga como o ambiente digital e as redes sociais influenciam a forma como percebemos a nós mesmos e aos outros, aprofundando a compreensão de psicopolítica no contexto da era digital.

Sua obra *Psicopolítica: Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder*, porém, é a que se insere de maneira mais coesa e intertextual dentro do corpus mais amplo de suas reflexões filosóficas e sociológicas. Aqui, Han explora mais profundamente como o neoliberalismo transforma o poder, movendo-o da repressão direta para uma manipulação mais sutil e interiorizada da subjetividade dos indivíduos.

A obra é um desenvolvimento e uma expansão das ideias que Han apresenta em seus outros textos. Ela oferece uma análise aprofundada das técnicas contemporâneas de controle psicológico e social, conectando-se com as discussões sobre auto exploração, transparência, impacto digital e Eros. O conceito de psicopolítica sintetiza e amplia as reflexões anteriores de Han, fornecendo uma visão mais abrangente e integrada das formas de poder e controle na era neoliberal e digital.

3 DIFERENCIANDO OS ELEMENTOS FOUCAULTIANOS E AGAMBENIANOS DA PSICOPOLÍTICA

As concepções de biopolítica desenvolvidas por Michel Foucault e Giorgio Agamben revelam diferenças significativas, refletindo suas abordagens distintas em relação ao poder, ao controle e à vida política (Ferreira, 2022).

Michel Foucault introduziu o conceito de biopolítica em suas conferências de 1978-1979, particularmente na série intitulada "Segurança, Território, População" (Borges, 2020). Para Foucault, a biopolítica refere-se ao modo como o poder moderno se exerce sobre a vida e os corpos dos indivíduos, com foco na gestão e regulação das populações. Esse conceito está intrinsecamente ligado ao surgimento do Estado moderno e suas estratégias para administrar aspectos como saúde, higiene, natalidade e mortalidade (Danner, 2017). O objetivo do poder biopolítico, segundo Foucault, é otimizar a vida e a saúde das populações. Esse poder busca assegurar o bem-estar da população e gerenciar suas funções vitais, como

a reprodução e a saúde pública, através de instituições e práticas sociais que regulam e normatizam a vida cotidiana.

Por outro lado, Giorgio Agamben desenvolve sua concepção de biopolítica em obras como "Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua" e "Estado de Exceção" (Souza, 2014). Agamben redefine a biopolítica como a relação entre o poder soberano e a vida nua. Ele se concentra na noção de "vida nua", que a vida reduzida a uma existência meramente biológica, exposta à decisão soberana. Essa decisão soberana é manifesta no que chama de "poder soberano", uma forma de autoridade que se manifesta fundamentalmente pela capacidade de decidir sobre a vida e a morte, ou, no contexto moderno, sobre a inclusão e exclusão de indivíduos da ordem jurídica e política. Para Agamben, a biopolítica é a forma como o poder soberano controla e governa essa vida nua, que está fora da proteção das leis e da cidadania. Ele explora como o estado de exceção e a decisão soberana influenciam e determinam a vida nua, muitas vezes sujeita a práticas de exceção e violência. A biopolítica, para Agamben, é uma forma de poder que opera através da exclusão e degradação da vida (Ferreira, 2022). Assim, a biopolítica—ou seja, o controle da vida pelos mecanismos de poder—já está presente na própria natureza do poder soberano, uma vez que esse exerce poder sobre a vida e a morte dos indivíduos. O controle sobre a vida se dá pelo poder de efetivar morte, e o estado de exceção, onde o poder soberano se manifesta plenamente, é um espaço onde a vida humana é reduzida à sua forma mais básica, sem proteção jurídica ou política.

Foucault não enfatiza o estado de exceção de maneira tão central em sua análise de biopolítica (Maia, 2011). Em vez disso, ele foca em como o poder biopolítico se manifesta por meio da normalização e regulamentação da vida, buscando criar uma ordem social e de saúde que maximize o bem-estar da população. A ideia central do conceito de "vida nua" também não é utilizada por Foucault da mesma forma que por Agamben. Sua análise da biopolítica está mais voltada para a administração gerencial da vida e das populações dentro do quadro das normas sociais e de saúde pública.

Agamben, por outro lado, faz do estado de exceção um elemento central de sua análise de biopolítica (Agamben, 2015). Ele argumenta que o estado de exceção é uma característica fundamental da biopolítica contemporânea. A vida nua é frequentemente a vítima desse estado de exceção, exposta a práticas de controle e violência. Agamben usa o

conceito de vida nua para descrever a vida reduzida a um estado biológico básico e sujeita ao poder soberano, frequentemente exposta a condições extremas e práticas de exceção (Agamben, 2002).

Quanto à relação com o direito e a lei, Foucault aborda a biopolítica principalmente em termos de como o poder regula a vida e as populações através de normas e práticas institucionais (Foucault, 2010). Sua análise está mais focada nas estratégias de governo e nas formas de controle social que afetam a vida cotidiana das pessoas. Em contraste, Agamben enfatiza a relação entre biopolítica e direito, particularmente como o poder soberano decide sobre a inclusão e exclusão da lei. Para Agamben, a biopolítica está intimamente ligada à suspensão das leis e à gestão da vida nua, refletindo como o poder soberano exerce controle através da exceção e da degradação da vida.

Além disso, Foucault utiliza uma abordagem genealógica para traçar a evolução do poder biopolítico ao longo da história (Foucault, 2004), explorando como as práticas de governança e controle social se desenvolveram e se transformaram com o tempo. Agamben, por sua vez, combina uma análise filosófica com uma reflexão sobre o direito e o poder soberano, voltando-se mais para a teoria política e o direito e examinando como a biopolítica se manifesta na relação entre o poder soberano e a vida nua.

Assim, enquanto Michel Foucault analisa a biopolítica como um modo de poder que administra e regula a vida das populações, enfatizando a normalização e a regulamentação, Giorgio Agamben a explora como a relação entre o poder soberano e a vida nua, com foco na exclusão e na suspensão das normas. Essas diferenças refletem abordagens distintas para compreender o poder, o controle e a vida na sociedade contemporânea.

Byung-Chul Han desenvolve suas ideias sobre psicopolítica em diálogo com as concepções de biopolítica tanto de Michel Foucault e Giorgio Agamben, integrando elementos de ambos para construir uma análise própria das formas contemporâneas de poder e controle. Han utiliza essas influências para aprofundar sua compreensão da dinâmica do poder na era digital e neoliberal, refletindo sobre como as formas de controle evoluíram com o avanço tecnológico e as mudanças socioeconômicas (Aymoré, 2019).

Han reconhece a contribuição de Foucault para a compreensão da biopolítica, descrita como uma forma de governo que equilibra o positivo com o negativo. Han dialoga com essa perspectiva ao observar que a psicopolítica representa uma transformação e

continuação do controle biopolítico (Han, 2014). Ele argumenta que, enquanto Foucault se concentrou na gestão da saúde e da vida das populações, a psicopolítica atua diretamente sobre a subjetividade e a psique dos indivíduos. Han vê essa mudança como uma adaptação do controle biopolítico para a era digital e neoliberal, onde novas tecnologias e expectativas de auto exploração intensificam a autoexigência, algo que vemos também em trabalhos como os de Parra (2016).

Assim, podemos pensar que enquanto Foucault focou na regulação da vida e na administração das populações, Han amplia essa análise para incluir a regulação da subjetividade e das emoções individualizadas e atomizadas. Ele utiliza a ideia de biopolítica de Foucault como base para entender como a psicopolítica exerce controle através da manipulação psicológica e emocional sutil e eficiente. Han argumenta que a transformação das formas de poder na era digital não apenas regula a vida, mas também busca moldar a forma como os indivíduos percebem e experienciam suas próprias subjetividades (Benevides, 2017).

Han também se engaja com a concepção de biopolítica de Giorgio Agamben, particularmente com a ênfase de Agamben na vida nua e no estado de exceção. Agamben explorou como o poder soberano controla a vida nua e como o estado de exceção permite o controle absoluto sobre indivíduos. Han reconhece a importância dessa análise ao abordar como a psicopolítica contemporânea lida com a vulnerabilidade e a exposição dos indivíduos em um ambiente digital (Han, 2017). Ele observa que, embora não adote diretamente o conceito de vida nua, a psicopolítica pode resultar em formas de exclusão que, apesar de os indivíduos estarem formalmente incluídos na sociedade, são expostos a controle e manipulação que podem reduzir sua autonomia e bem-estar.

Han também reflete sobre como o estado de exceção de Agamben se relaciona com a normalização da psicopolítica (Han, 2015). Embora Han não enfatize o estado de exceção da mesma maneira que Agamben, ele observa que a psicopolítica pode criar um estado de normalização que leva à conformidade e à passividade dos indivíduos. Assim, a relação entre normalização e exceção é uma área de sobreposição nas análises de Han e Agamben, refletindo diferentes formas de controle e poder.

Em conclusão, Byung-Chul Han constrói sua análise de psicopolítica ao dialogar com as ideias de Michel Foucault e Giorgio Agamben, integrando elementos de suas concepções

de biopolítica. Com Foucault, Han explora como a psicopolítica é uma transformação do controle biopolítico, ampliando o foco da regulação da vida para a manipulação da subjetividade. Com Agamben, Han reflete sobre a exclusão e o controle absoluto, embora de forma distinta, incorporando a análise da vida nua e do estado de exceção na compreensão das formas contemporâneas de poder. Essas contribuições permitem a Han oferecer uma visão mais completa e atualizada das dinâmicas de poder na era digital e neoliberal.

4 A PASSAGEM DA BIOPOLÍTICA PARA A PSICOPOLÍTICA

Para Han, porém, a sociedade contemporânea, moldada pelos avanços tecnológicos e pelas dinâmicas do neoliberalismo, apresenta características únicas que a colocam mais próxima do conceito foucaultiano de biopolítica—especialmente por sua tentativa de abandono das formas negativas de violência. É nesse contexto que Han propõe o conceito de psicopolítica, tentando analisar essas transformações e as novas formas de poder que emergem nesse contexto.

A psicopolítica se caracteriza principalmente por esse controle não mais exercido de forma externa e coercitiva, mas sim internalizado pelos próprios indivíduos. A autoexigência e a busca constante por desempenho levam a uma forma de auto exploração, onde as pessoas são motivadas a maximizar sua produtividade e eficiência. A pressão por uma alta autoestima e um estado de constante aprimoramento pessoal gera um estado de cansaço psicológico e emocional, uma espécie de auto opressão (Rabinow, Rose, 2006).

A vigilância também assume novas formas na sociedade psicopolítica (Bruno, 2018). A necessidade de se expor e se mostrar constantemente em plataformas digitais resulta em uma forma de controle que é, em grande parte, autoimposta e internalizada. A transparência total e a visibilidade constante são incentivadas, levando a uma economia da atenção onde a visibilidade e a exposição se tornam recursos valiosos (Han, 2018b).

A psicopolítica atua diretamente sobre a psique e as emoções dos indivíduos. Através de técnicas de manipulação psicológica, como a persuasão constante e a manipulação dos desejos e expectativas, o poder é exercido de maneira a moldar o comportamento e a subjetividade dos indivíduos, mas sem uma interferência visível e sentida na pele. A cultura da performance e do autoaperfeiçoamento está intrinsecamente ligada a esse controle

psicológico, gerando uma pressão contínua e um estado de autoavaliação incessante (Berardi, 2019).

A sociedade psicopolítica também se caracteriza pela supressão de emoções e experiências negativas (Han, 2017). A necessidade de ser positivo e produtivo reduz a capacidade dos indivíduos de experimentar e expressar sentimentos adversos, levando a uma conformidade passiva e a uma conformação com as normas estabelecidas. A resiliência e a adaptabilidade são promovidas como virtudes desejáveis, reforçando a conformidade e a passividade.

A integração das tecnologias digitais é uma característica fundamental da sociedade psicopolítica. A coleta e o processamento de dados pessoais são utilizados para influenciar e regular comportamentos, afetando a forma como os indivíduos interagem com o mundo e consigo mesmos (Parra, 2016). As redes sociais desempenham um papel crucial, facilitando a auto exposição e a vigilância, moldando as relações sociais e o senso de identidade.

A transparência total é promovida como um valor neoliberal, que se traduz em um controle mais eficiente e sutil sobre os indivíduos. A necessidade de visibilidade e exposição constante serve para aumentar a conformidade e a aceitação das normas neoliberais. Essa pressão por transparência afeta a autenticidade e a identidade dos indivíduos, resultando em uma superficialidade das relações e uma homogeneização da experiência pessoal.

Em resumo, a sociedade psicopolítica, conforme descrita por Byung-Chul Han, é marcada por um controle psicológico e emocional que é internalizado pelos próprios indivíduos. A vigilância autoimposta, a auto exploração e a manipulação das emoções são características centrais desse regime de poder. A integração da tecnologia digital e a promoção da transparência como valor neoliberal contribuem para um ambiente onde a conformidade e a adaptação são incentivadas, resultando em uma transformação profunda da subjetividade e das relações sociais.

A mudança dos dilemas centrais da alteridade para a subjetividade é um dos principais fatores que impulsionam a transição do sistema biopolítico para o psicopolítico, segundo Han (2014). O que o autor considera essencial nesse processo é a incorporação das tecnologias digitais como uma extensão inevitável e indissociável da experiência humana. As tecnologias de controle, que antes eram vistas como externas e distintas do humano, agora estão internalizadas e integradas, passando de uma posição de alteridade para a de

subjetividade (Rabinow, Rose, 2006). Em outras palavras, a tecnologia tornou-se uma parte do eu, uma extensão do eu.

As possibilidades de controle mencionadas por autores como BRUNO (2013), e que têm sido objeto de intensa discussão no cenário jurídico atual, são viabilizadas pela presença constante e intensa das tecnologias digitais. Essa constante presença das tecnologias digitais gerou uma nova estética de aceitação, na qual a tecnologia não é mais percebida como algo “outro”, mas como parte de “nós”. A questão já não é sobre alteridade, mas sobre subjetividade.

Han argumenta que a psicopolítica não deixa espaço para conflitos e negatividades (Han, 2017). No sistema de controle populacional característico do século XXI, como Han o descreve, a morte não tem lugar, pelo menos não nos mesmos moldes da sociedade biopolítica. No mundo liso e minimalista da psicopolítica, a morte, a dor, o desconforto e qualquer outra pulsão que possa interromper ou diminuir a produtividade são evitados a todo custo. O desejo de produtividade, que já era uma característica da biopolítica foucaultiana, é agora transformado pelas tecnologias digitais. Não é mais o corpo físico que realiza a produção, mas a subjetividade que se torna o novo foco de produção.

A organização descrita por Han reflete o modelo social psicopolítico, onde não há mais uma clara distinção entre Estado e Mercado, mas sim uma assimilação desses dois aspectos (Benevides, 2017). Em vez de uma biopolítica que opera através de instituições e regulamentos estatais e de mercado, o poder psicopolítico atua principalmente por meio de mecanismos psicológicos e subjetivos. Isso inclui a autocobrança, a auto exploração e o autocontrole, que se tornam os principais meios de poder e controle (Han, 2014, e Rabinow, Rose, 2006).

Han não propõe que a biopolítica tenha sido completamente superada ou tornada obsoleta. Em vez disso, ele sugere que a biopolítica foi ampliada e transformada, incorporando uma nova ênfase nos aspectos psicológicos e subjetivos. Nesse sentido, a psicopolítica pode ser vista como uma continuidade da biopolítica, mas com um foco renovado na esfera mental e emocional dos indivíduos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de "psicopolítica" desenvolvido por Byung-Chul Han estabelece um diálogo mais direto e aprofundado com Michel Foucault do que com Giorgio Agamben, embora elementos da análise de Agamben também estejam presentes. Esse diálogo reflete como Han se apropria das ideias desses autores para formular sua própria visão sobre as formas contemporâneas de poder e controle.

No que diz respeito a Michel Foucault, Han vê a psicopolítica como uma extensão e transformação da biopolítica como descrita por aquele. Enquanto Foucault analisou a maneira como o poder moderno se exerce sobre a vida e as populações através da regulamentação e da normalização, Han expande essa análise para considerar como o poder contemporâneo opera diretamente sobre a subjetividade e a psique dos indivíduos. A psicopolítica, para Han, pode ser vista como uma resposta às mudanças na natureza do controle social e político na era digital e neoliberal, construindo sobre as ideias de biopolítica de Foucault e adaptando-as às novas realidades.

Han se apropria do conceito de biopolítica para explorar como as novas formas de controle se concentram na regulação das emoções, dos comportamentos e da subjetividade. Enquanto Foucault abordou a biopolítica principalmente como uma forma de controle sobre o corpo e as populações, Han aplica esses conceitos ao controle psicológico, refletindo a transformação dos mecanismos de poder na sociedade digital. Para Han, a psicopolítica envolve a manipulação das emoções e da subjetividade, evidenciando como a regulação das experiências psicológicas se tornou um novo campo de poder.

Além disso, Han dialoga com a noção de vigilância autoimposta e autoexigência descrita por Foucault. Na psicopolítica de Han, essa autoexigência e a cultura da performance estão profundamente relacionadas com a análise de Foucault sobre como o poder se manifesta através da normatização e da auto-regulação. Han destaca que a sociedade digital amplifica essas dinâmicas de controle psicológico e emocional, em que os indivíduos se tornam seus próprios opressores, refletindo a internalização das normas e a autoexigência intensificada.

Em relação a Agamben, embora a psicopolítica de Han não se concentre diretamente no conceito de "vida nua", há uma sobreposição em termos de como o controle pode se manifestar em condições de vulnerabilidade e exposição. Agamben explora como o poder soberano exerce controle absoluto sobre a vida nua, e Han pode ser visto como examinando

como as novas formas de controle na era digital podem criar condições semelhantes de vulnerabilidade e marginalização. A psicopolítica, assim como o conceito de vida nua, reflete um ambiente onde os indivíduos são expostos a formas de controle que podem reduzir sua autonomia e criar novas formas de vulnerabilidade.

Han não se concentra explicitamente no estado de exceção de Agamben, mas suas ideias sobre como a psicopolítica leva a formas de conformidade e passividade podem ser vistas como relacionadas. Han observa que a psicopolítica contemporânea pode criar um estado de normalização que é eficaz na manutenção da conformidade e na aceitação das normas sociais e econômicas. Isso reflete, em parte, a análise de Agamben sobre o controle e a exclusão, onde a normalização serve para manter a ordem e a aceitação das normas estabelecidas.

Assim, podemos dizer que o conceito de psicopolítica de Byung-Chul Han dialoga principalmente com as ideias de Foucault, expandindo e atualizando a análise da biopolítica para o contexto da era digital e neoliberal. Han utiliza as ideias de Foucault como base para explorar como o controle moderno opera sobre a subjetividade e as emoções. Embora elementos da análise de Agamben, como a vida nua e o estado de exceção, também estejam presentes, eles desempenham um papel secundário no desenvolvimento do conceito de psicopolítica de Han. Dessa forma, a psicopolítica é mais profundamente enraizada na obra de Foucault, com um diálogo secundário com a análise de Agamben sobre o poder e a exclusão.

REFERÊNCIAS

AYMORÉ, Débora. **Do biopoder à psicopolítica**. Investigação Filosófica, Macapá, v. 10, n. 2, p. 101-111, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica>.

BENEVIDES, Pablo Severiano. **Neoliberalismo, psicopolítica e capitalismo da transparência**. Psicol. Soc., v. 29, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29164064>.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BERGER, Peter L., LUCKMAN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise do Sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

BORGES, Guilherme Roman. **Michel Foucault: vida e obra do jusfilósofo**. São Paulo: Almedina, 2020.

BRUNO, Fernanda, et al. (org.). **Tecnopolíticas de Vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia, subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

DANNER, F. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault**. Revista Estudos Filosóficos UFSJ, [S. l.], n. 4, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2357>. Acesso em: 31 jul. 2024.

DUARTE, André. **Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI**. Revista Cinética, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2008.

FERREIRA, Natália Damazio Pinto. **Vivente e vida nua: Conceitos de Biopolítica**. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 893-915, 2022. DOI: 10.1590/2179-8966/2021/57022.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica: Michel Foucault e a Governança Neoliberal**. Traduzido por Eduardo Brandão. Lisboa: Edições 70, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder**. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018a.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018b.

MAIA, Antonio. **Do Biopoder à Governamentalidade: sobre a trajetória da genealogia do poder**. Currículo sem Fronteiras, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 54-71, jan./jun. 2011.

PARRA, Henrique. **Abertura e controle na governamentalidade algorítmica**. Ciência e Cultura, 68(1), 39-42, 2016.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. **Biopower Today**. BioSocieties, Vol. 1, Ed. 2, Jun 2006: 195-217.

SOUZA, Helder Félix Pereira de. **A perspectiva biopolítica de Agamben: alguns conceitos para se (re)pensar o direito atual**. Revista Direito e Política, v.9, n.1, 2014.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge, UK; Malden, MA: Polity, 2017.

SOBRE O AUTOR**Pedro Khauaja**

Advogado; Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD-UFF); editor-assistente da revista CONFLUÊNCIAS; professor substituto no Departamento de Direito Privado da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3898695403264159>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8038-3616>

E-mail: pkhauaja@hotmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO

KHAUAJA, Pedro. Releituras contemporâneas da biopolítica: Byung Chul Han e o conceito de psicopolítica. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, n.3. Especial. p. 172-188, nov 2024.

RECEBIDO EM: 31/07/2024

ACEITO EM: 25/11/2024

PUBLICADO EM: 28/11/2024

188

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional
